

Sumário

| | |
|------------------------------|-----|
| Desencontro | 17 |
| Novos Rumos | 33 |
| A Gangue Dos Insetos..... | 49 |
| Desavença..... | 65 |
| Estela Tesuti..... | 77 |
| Declair..... | 91 |
| Mercadores De Cigan | 107 |
| Circuito De Apostas..... | 125 |
| Roteran | 141 |
| Entre Mortos e Feridos | 157 |
| Transformação | 175 |
| Na Pata Do Gato..... | 187 |
| O Comandante Larss | 203 |
| Viridante | 213 |
| Comoção..... | 227 |
| Insídia..... | 245 |
| Herdeiro Real | 265 |
| Elementais | 277 |

| | |
|---|-----|
| Ahm... Louis? | 293 |
| Conselho De Liase..... | 303 |
| Queime Até As Cinzas | 325 |
| Quebrando o Selo..... | 339 |
| Meandros da Magia Elemental..... | 355 |
| Quem Teima Com Teimoso, Teimoso É | 365 |
| Erro..... | 377 |
| Eu Disse, Eles Existem!..... | 389 |
| Redemoinho..... | 403 |
| Destino..... | 415 |
| O Tempo E O Tempo | 433 |
| Noite Maldormida..... | 451 |
| Inesperada | 465 |
| Linhagem Materna | 481 |
| Caminhos..... | 495 |
| Fortuna Safira | 511 |
| Pináculo Da Rainha | 525 |
| Morada Da Escuridão | 541 |
| Ecos Do Passado | 555 |
| Envolta Em Amor De Verdade..... | 571 |

| | | | |
|---|-----|--------------------------|-----|
| O Astuto Príncipe De Bentia..... | 591 | Onde Começa O Final..... | 967 |
| Berilo..... | 605 | Ignis'Atra..... | 979 |
| O Poder A Ser Superado..... | 619 | A Lenda De Ambita..... | 995 |
| Monte Rikaku..... | 637 | Carta aos leitores..... | 998 |
| Kiona, A Bruxa Catastrófica..... | 661 | | |
| Decurso Do Tempo..... | 679 | | |
| Quando O Remédio Se Torna O Veneno..... | 705 | | |
| Maravilhoso, Maravilhoso!..... | 729 | | |
| Ariadna..... | 749 | | |
| Lótus Ígnea..... | 763 | | |
| Karion..... | 785 | | |
| Até Logo, Kiona..... | 803 | | |
| Ponto De Não Retorno..... | 815 | | |
| Os Onze Abissais..... | 835 | | |
| Mãe..... | 851 | | |
| Príncipe Regno..... | 873 | | |
| Horizontes..... | 891 | | |
| A Decisão..... | 903 | | |
| O Jantar..... | 917 | | |
| Deslinde..... | 953 | | |



Circuito De Apostas

Um homem, velho, de muitas rugas na pele, baixo, magro, um pouco curvado, apoiado em uma bengala com um rubi na ponta, observava o grupo engaiolado. Aquele era Touré. Alguém que, apesar da aparência física frágil, evocava autoridade. Ele encarou Regno e Ardeo com olhar indiferente e implacável, quase ironizando sua tentativa frustrada de fuga.

— Veja, sr. Touré, são atléticos e de boa aparência. Devem servir — falou Suleiman, o chefe dos sequestradores, agora revelado em toda a sua corpulência: uma grande pança, protuberante e papada, assemelhavam-no a um sapo.

Touré, porém, parecia ignorar Suleiman e seguia fazendo sua análise silenciosa. Passou os olhos por Lara e Todd, sem manifestar maior interesse. Seu corpo, contudo, conteve-se ao ver, ainda na penumbra da caixa, os cabelos loiros de Gia e parte de seu lindo rosto. Seu olhar percorreu com interesse o corpo da jovem, enquanto ela usava as pernas para apoiar a cabeça de Úrsula.

— Aquela ali me interessa, Suleiman... A outra, porém, já deve estar pronta pra vestir o terno de madeira. Suponho que foi culpa sua. Enquanto não maneirar a força, continuará estragando a mercadoria.

Apesar da crítica, Suleiman focou no interesse de Touré. De pronto, abriu um sorriso ganancioso e chegou a suar de emoção. Ele puxou um lenço do bolso traseiro da calça e absorveu as gotículas da testa. Tentou dobrar o pedaço de pano para guardá-lo, mas se embaralhou e o derrubou, juntando-o em seguida. Nada de mais, a não ser pelo fato de que, ao se dobrar em direção ao solo, o pingente de

esmeralda de Regno escapou de dentro da sua camisa e ficou à mostra. Suleiman, em razão da sua corpulência, nem sequer percebeu o escapular da joia, mas Regno notou e ficou furioso.

— Então, sr. Touré, o que achou? Vamos fechar negócio?

— Uhm... você cumpriu o que eu pedi. Seis jovens atléticos. Vou levar os cinco que estão bem. A moribunda não me interessa.

— E eu faço o que com ela?

— O que quiser, não é problema meu.

— Do jeito que ela está, só me estorva! — Suleiman olhou para o capanga e disse: — Depois, tire-a da carroça e a jogue no mato...

— Suleiman, quanto? — Touré parecia impaciente.

— Bem... Convenhamos que os rapazes são atléticos e fortes, e as garotas que você se interessou são jovens e bonitas. Aposto que o senhor fará bom uso de todos. Sim, sem dúvida fará. Por tudo isso, não menos que 250 moedas de prata pelos cinco.

— Pelo que percebo, você deve ter perdido a sanidade desde o nosso último encontro... ou está delirando por causa do sol.

— Sr. Touré... você e eu somos experientes neste ramo. Sabemos quando algo diferenciado aparece. Portanto, não vou ficar ensinando a prece ao vigário. Se o senhor não quiser comprá-los, não irei insistir, pois certamente há quem queira.

Um sopro de desdém escapuliu da boca de Touré e ele virou o rosto na direção da caixa. Caminhou em volta da gaiola, observando os produtos. Depois, ergueu a bengala e cutucou a perna de Ardeo, sentindo a solidez dos músculos. Recebeu um olhar feio como troco. Circulou mais um pouco e, novamente com a bengala, cutucou uma nádega de Lara, fazendo-a se afastar defensivamente. Por fim, mirou o rosto de Gia.

— Minha cara, você é a única que merece este valor... — Touré sorriu de modo vitorioso. — Muito bem, Suleiman, 50 pela loira e 25 pelos demais.

— Senhor... Touré, estou correta? Posso falar? — a voz de

Gia soou amendoada e isso confundiu os colegas por não entenderem o motivo dela estar sendo gentil.

— Você? Claro, sempre pode. Fale o quanto quiser.

— Sei que não estou em condições de lhe pedir nada, mas o senhor poderia comprar a minha amiga também? — Gia olhou para Úrsula com cara de choro. Pura encenação de qualidade.

— Ela não é um bom negócio para mim.

— Mesmo assim, eu ficaria muito feliz. O senhor quer me fazer feliz ou me deixar triste?

As palavras de Gia atingiram Touré certamente em seu ego, naquele ponto patriarcal de se sentir provedor e protetor. O lado racional de Touré, todavia, alertou-o da besteira que seria comprar uma pessoa doente, senão moribunda, por qualquer preço.

— Existem outros meios de fazê-la feliz que não este... tão mórbido. Posso lhe dar o que desejar, basta pedir. Mas isso que você me pede... isso é jogar dinheiro fora. Uma tolice.

A estratégia de Gia ficou clara para todos os amigos: ela pretendia manter o grupo unido e apostava na melhora de Úrsula. Por maior que fosse o antagonismo entre elas, entendia que Úrsula não merecia ser abandonada, como mera carcaça, para ser vilipendiada pelos animais e vermes.

— Escute, Touré... — disse Regno com confiança — ... você está sendo logrado, e deve saber disso antes de fechar o negócio. Suleiman retirou os nossos pertences pessoais e um deles tem valor expressivo. O objeto deveria ser seu, não?

— Suleiman, do que ele está falando?

— Nem imagino... Não dê atenção para...

— Pare de bancar o desentendido, chupeta de baleia! — falou Ardeo, sendo propositadamente hostil e ofensivo com a corpulência alheia. — Olhe o colar que ele está usando!

Suleiman tentou responder, mas não conseguiu, porque Touré já estava próximo dele. Como era menor e estava impedido de se aproximar por causa da barriga do outro, Touré acertou a canela de Suleiman com a bengala, fazendo-o se dobrar de dor. Nisso, o colar brilhou e ele o puxou sem dó, estourando a presilha. Regno falou:

— Olhe na base, tem um “R”. É a inicial do meu nome. — Touré girou a esmeralda e confirmou a informação.

— Suleiman, seu porco trapaceiro! Você sabe que o acessório segue o principal e que a mercadoria deve ser entregue como foi recolhida!

— Sr. Touré, eu posso explicar... Eu só estava... Fazamos assim: leve a joia e a menina morena como um pedido de desculpas.

— Cale-se! Não vejo vantagem em me pagar com meu próprio patrimônio. De qualquer forma, você mentiu para mim e má-fé eu não posso tolerar. Irá receber apenas 25 moedas por cada um deles e a jovem desfalecida vem de graça, como indenização.

— Ridículo! Jamais vou aceitar este acordo, Touré!

— É “sr. Touré” para você! Se não aceitar, irei pessoalmente comunicar a direção dos Mercadores de Cigan sobre a sua mentira e eles...

— Certo, certo... certo. Não há necessidade. Negócio fechado. — Suleiman estava furioso e mal podia esconder. — Que seja! Desembarquem a mercadoria... Esperarei na carroça.

— Obrigado, Suleiman. É sempre um *prazer* fazer negócios com você.

Suleiman apenas bufou com desprezo e sumiu de vista. Com um sinal de mão, Touré acenou para dois capangas, brutamontes, que estavam próximos da sua carruagem. Ambos se aproximaram com correntes e ouviram o chefe falar para os prisioneiros:

— Escutem, algemem-se e comportem-se. Vai ser melhor para vocês e, quem sabe, ganham a minha simpatia. Do contrário, as mulheres começarão a sofrer as consequências primeiro.

Sem opção, o grupo cumpriu a ordem e prenderam-se nos pés e nas mãos. Um a um, foram saindo da gaiola, tendo Todd carregado Úrsula no colo, já que ela estava demasiadamente fraca para se manter em pé. A última a sair foi Gia, tendo Touré a contido.

— Você não. Irá comigo na parte da frente da carruagem.

Vocês dois aí... — ele disse e se voltou para os ajudantes — ...alimentem todos. Perguntem se precisam usar o banheiro, os lavem como puderem e, depois, direto para Rygar.

Rygar era uma cidade que poderia muito bem ser esquecida ou confundida com qualquer outra. Era genérica, com população voltada para a agricultura familiar, habitada por pessoas humildes e de sotaque carregado. Diferenciava-se unicamente pelo fato de fazer parte do circuito de batalhas clandestinas que movimentava o dinheiro sujo dos mais ricos em Afeu, por meio de apostas.

No momento, era justamente isso que Touré explicava para Gia ao se aproximar da cela onde os demais estavam. O cativeiro era um grande quarto de pousada, com camas, banheiro e outros móveis de conforto. Não obstante, era trancando por barras de metal nas aberturas, torando-se uma prisão. Lá restavam fechados Ardeo, Regno, Lara, Todd e Úrsula; esta, acamada.

— Em cada cidade, temos nosso canto. Claro, os lutadores ficam de um lado e nós, os donos, de outro. Aqui em Rygar, este é o aposento dos vencedores. Preferi colocá-los aqui antes da primeira luta para verem as comodidades que terão caso vençam. Se perderem... e não morrerem... irão para o subsolo. Minha querida, você viu o lugar e pode atestar: superlotado, fedido, escuro, violento... nada confortável. Sugiro veementemente que os seus amigos vençam, especialmente pelo bem da amiga doente.

— Como ela está? — perguntou Gia, realmente preocupada.

— Estável. O médico que a examinou disse nunca ter visto nada parecido... Está apenas controlando a febre. Sinceramente, hoje, ela é um peso inútil e sem valor. Espero que melhore logo para vendê-la e ter algum lucro.

— O senhor é traficante de pessoas?

— Comerciante. Posuo um negócio principal no qual vocês poderiam servir como insumo, mas... seria um desperdício. No caso da amiga doente, pior, porque ela contaminaria o restante dos produtos. Esqueça isso. No momento, vocês são minha propriedade e servem para lutar. É o que

importa saber. Agora, minha princesa, vá para seu aposento. Logo me juntarei a você para o chá da tarde.

— Você promete que eles vão ficar bem?

— Basta se comportarem. Não pretendo estragar a minha propriedade sem motivo. Agora vá. Tenho que passar algumas instruções para eles.

A garota estava jogando conforme as regras, evitando se expor ao risco, buscando ficar acima de suspeitas, bem como protegendo os companheiros. Por tudo isso, obedecia a Touré. Antes de sair dali, Gia se aproximou das barras de ferro, entrando no campo de visão dos amigos, permitindo que eles a vissem. Ela sorriu para o grupo que estava aprisionado e sumiu em seguida. Era a sua forma de entregar força e esperança para os companheiros, sem abusar da paciência de Touré.

O velho carcomido se aproximou das grades e apoiou-se sobre o rubi da sua bengala. Com a mão direita, chamou o grupo para perto das barras. Não tinha fôlego suficiente para gritar, nem pretendia fazê-lo.

— Eu vou ser bastante franco com vocês, porque não quero mal-entendidos: vocês não são mais pessoas. Vocês são coisas... minha propriedade. Eu posso brincar com vocês, quebrá-los, sujá-los, deixá-los passando fome, abandoná-los, vendê-los... mas também posso tratá-los muito bem. A escolha é de vocês.

— O que quer da gente? — perguntou Ardeo.

— Primeiro, que recuperem o dinheiro investido em vocês. Segundo, que me tragam mais dinheiro. Depois... bem, depois é depois.

— Quer que a gente roube para você? — indagou Todd.

— Obviamente, não! Não irei tolerar que vocês prejudiquem a propriedade alheia sem justo motivo! Um erro gravíssimo e serão punidos severamente se fizerem! — Touré pareceu irritado e precisou de um momento para se acalmar. Quando satisfeito, explicou: — Vocês irão lutar e irão vencer.

— Eu prefiro não... — disse Ardeo, desafiando Touré.

— Como eu disse, a escolha é de vocês. Eu posso tirar o luxo que ora desfrutam, se não fizerem o que eu mandar.

Pior para aquela lá... — o homem apontou a bengala para Úrsula — ...sem assistência médica, ela morrerá, não tenho dúvidas.

Os olhos de Ardeo indicaram sua indignação ao ser vencido sem qualquer esforço.

— Onde lutaremos? — questionou Regno, já conformado com o destino.

— No Flerte da Apoteose. É um circuito de lutas e apostas do submundo de Afeu. Muito dinheiro envolvido para os participantes.

— Iremos ganhar dinheiro para lutar, então? Menos mal... — disse Ardeo.

— Os participantes, no caso, somos nós, os donos dos lutadores... Nós, pessoas. Como eu disse, vocês são coisas, não pessoas. Acreditei ter sido claro, mas, pelo visto, não fui. São oito lutas e os vencedores são consagrados.

— Se vencermos todas as lutas...?

— Eu fico mais rico. Vocês ficam bastante confortáveis.

A amiga de vocês segue sendo tratada.

— Não vamos ser libertados, está de sacanagem?

— Não gosto do me repetir... Como eu disse: vocês são minha propriedade. Não vejo por que liberá-los... de graça. Se alguém quiser comprá-los de mim e soltá-los de graça, bem, pois que o faça. Eu não farei. No mais, demonstre algum respeito e meça suas palavras, rapaz.

— Tudo bem. Eu luto por todos. Deixe-os fora disso — falou Ardeo.

— Você é bem impertinente... e meio tapado. O Flerte da Apoteose tem suas regras e vários estilos de luta. Às vezes, apenas um de vocês irá lutar e, em outras, os cinco.

— Cinco? — questionou Regno.

— Sim, vocês que estão aí dentro. A senhorita Gianna não será exposta a nenhum perigo. Apesar da idade e da saúde não me permitirem certos atos carnavais mais intensos, ainda posso me satisfazer de outras formas visuais com ela. Seria uma lástima marcar aquele corpo branquinho e liso com cicatrizes e hematomas. Reflitam sobre isso e a mantenham segura.

— Ora, seu verme! — vociferou Ardeo.
— Shhh, sem alarde. Você não está em condições para isso.
— Touré, senhor, a Úrsula não está em condições de lutar e a Lara não sabe lutar — argumentou Todd, tentando ser racional.

Touré deu de ombros, evidenciando não ser problema dele.

— Compensem. Se elas não podem lutar, vocês deverão se esforçar em dobro. Entendam uma coisa: só de colocar vocês na arena, eu já recuperei o dinheiro que investi. Então, na realidade, vocês estão lutando pelas vidas de vocês. Eu não tenho nada a perder, só a ganhar. Quem sabe, a presença frágil delas estimule o espírito campeão em vocês. Para ser sincero, mesmo se todos morrerem, eu ganho: se eu os julgar inúteis, irei entregar vocês... ou o corpo de vocês para Bentia.

— Você sabe...

— Evidente. Só o idiota do Suleiman não os reconheceu. Ele se diz um Mercador de Cigan, mas é só um estúpido ganancioso que se move instintivamente. Uma vergonha para a guilda. Apesar de ignorante, Suleiman é bastante eficiente... Vocês foram bem tolos de entrar em Cigan.

Ao ouvir aquilo, Todd olhou para os demais, silenciosamente dizendo “eu avisei”. Touré pegou um bloquinho de anotações do bolso e o leu rapidamente.

— A primeira fase do circuito é aqui em Rygar. Ela é meramente festiva e não pontua. Por isso, nenhum dos participantes coloca seus verdadeiros lutadores. Contratamos uns amadores em busca de fama e bêbados querendo cervejas de graça. Nesta ocasião, farei diferente. Espero que vocês deem conta ou vou ficar decepcionado com o exército de Bentia.

— Qual a modalidade desta fase?

— Luta em duplas. Vejamos... Acho que o altão e você devem dar conta — Touré falava de Todd e Regno, respectivamente.

— Touré, me deixe ir. Estou precisando me exercitar — falou Ardeo, sabendo que Todd valia mais pelo seu cérebro do que pelos seus músculos.

— Por mim... Desde que vençam, qualquer um serve. Me acompanhem.

Assim, Regno e Ardeo se despediram de Todd e Lara com um apertado abraço de boa sorte. Ato contínuo, acompanharam Touré até a sala de preparação.

O local da batalha era, ou melhor, não era o esperado. Longe de ser uma arena sofisticada ou um tablado de batalha, o lugar mais lembrava um amplo curral: chão de terra batida, envolto por cercas de madeira não muito altas. Do lado de fora, no meio, havia um ponto mais alto, como um palanque onde os participantes mais ricos ficavam bebendo, comendo e ostentando outras formas de prazeres mundanos. O público em geral estava no chão, ladeando o curral. Quem desejava apenas assistir já estava em seus lugares, esperando o evento. Contudo, os que pretendiam tentar a sorte nas apostas tinham acesso ao galpão onde os lutadores aguardavam o embate. Dali, podiam analisar os desafiantes e decidirem em qual dupla apostar com os crupiês.

Aqueles dois trogloditas que faziam a segurança de Touré estavam agora escoltando Ardeo e Regno. Pretendiam garantir o bom comportamento alheio e evitar a fuga, algo que nem estava em cogitação pela dupla. A primeira rodada, como eles ficaram sabendo pelos vizinhos de baia, chamava-se “mãos e corpos limpos”: era proibido qualquer tipo de arma ou armadura. As regras estavam favoráveis para Ardeo e Regno, tal qual o nível dos competidores: todos pareciam uns fanfarrões que participavam por brincadeira, por embriaguez ou para socar a cara de algum desafeto sem as punições da lei.

Os mais jovens eram Ardeo e Regno. Muito em virtude disso, as apostas desviaram-se dos seus nomes e pararam em outros. Eles ainda não sabiam, mas a única aposta que receberam, que cobria todas as demais, havia partido do próprio Touré. Se eles ganhassem, Touré levava o pote inteiro, ressaltados os custos da organização e outras taxas.

Os bastidores, também ocultos, eram um capítulo à parte: em suma, os patrocinadores eram ricos entediados, ou com fetiches violentos, ou indiferentes ao sistema brutal que levava as pessoas a lutarem, ou todas as opções anteriores conjuntamente. Juntos, bancavam aquele e outros eventos de

um grande circo macabro clandestino, no qual lutas, prostituição e tráfico eram as atividades menos odiosas. Em suma, os lutadores eram o último elo da corrente; Touré e seus pares estavam no meio e os ricaços, latebrosos, no topo.

No entardecer, os lutadores, em duplas, ingressaram na arena. Um narrador estava de pé sobre a cerca, conduzindo o público e a algazarra. No cercado, havia seis duplas e a vencedora seria a última em pé ou, ao menos, um do par. O irradiador elogiou os patrocinadores sem citar nenhum nome e saudou com grande ênfase os donos das equipes, os quais restavam descansados sobre um palanque, rindo e bebendo. A exceção era o próprio Touré, que se mantinha concentrado no campo, ansioso para ver o potencial de Ardeo e Regno. O último ato do narrador foi revisar as quatro regras simples: não usar armas nem proteções, não matar, respeitar a rendição e não sair da arena.

Depois disso, liberou-se o fuzuê atroz e festivo.

A primeira ação foi tomada por um homem, na casa dos 40 anos, que mais parecia um gigante. Ele correu pesadamente contra um miserável franzino e o atropelou com um jogo de corpo. A pobre vítima decolou e foi parar fora do cercado. Por empolgação, o agressor tirou a camisa e a girou sobre a cabeça, urrando um chamado à batalha. A plateia foi à loucura e, ensandecida, começou a bater com as mãos na madeira da cerca. O grandalhão virou alvo e três pessoas se atiraram sobre ele.

Do lado oposto àquela contenda, Ardeo e Regno pareciam estar se divertindo com a briga amadora na qual foram enfiados. Até o momento, haviam se desviado de meia dúzia de socos e devolvido outro tanto, sem qualquer problema ou intenção de ferir verdadeiramente os opositores. De fato, entraram na brincadeira e, com suas técnicas marciais, entregavam um espetáculo à parte para o público. A exibição não passou despercebida.

— Aqueles são os seus, Touré? Pelo jeito, você os tem no cabresto! Eles podiam estar acabando com a festa, mas não. Estão divertindo, os caipiras. Sorte sua! — disse um homem que vestia uma roupa fina e elegante.

— Desta vez, meu caro Dimas, resolvi mostrar as garras cedo. Quem sabe assim vocês elevam o nível das lutas... e o valor das apostas — Touré respondeu, cheio de si, como se fosse o maestro de Ardeo e Regno.

— Hum... — o homem fechou o semblante e bebericou da taça que segurava. — Agradeço. Vendo a sua ostentação, acredito ter acertado em aguardar o prazo final das inscrições — agora foi a vez de Touré apertar o cenho e demonstrar desaprovação. — Você pensou ser o único esperto neste jogo? Ainda tenho uma vaga a ser preenchida na minha equipe. Prometo não te decepcionar.

— Como preferir...

— Não faria diferente. — Dimas olhou em volta e viu outros donos de equipes reclamando de alguma coisa. — Eles devem estar com fome. Trouxe as suas tortas de carne? — Em resposta, Touré apenas apontou para uma mesa, na qual itens estavam cobertos por um pano branco. Dimas concluiu: — Bom apetite para todos nós!

O narrador interrompeu a conversa ao subir na cerca, empolgado, e gritar a eliminação de uma dupla. No mesmo instante, nada pôde fazer quando um dos lutadores foi lançado contra ele, depois que o grandalhão rodopiou o homem duas vezes antes de atirá-lo. Curiosamente, a vítima ria da própria situação, divertindo-se ao ser rodado pelos braços e depois catapultado para fora da cerca. Era o álcool falando pelo embriagado.

Próximo da cena, um sujeito careca pulou nas costas de Regno, crendo ter capacidade para domar o loiro. Este, sem maiores esforços, aplicou-lhe um golpe que o lançou de costas no chão, depois de fazê-lo voar por cima do ombro. Ardeo estava por perto, fingindo uma luta séria contra um jovem na casa dos 20 e tantos anos. Por pura malícia, e um pouco de deboche, Regno se aproximou lateralmente do rival de Ardeo e gritou “cuidado!”. O adversário se assustou e ficou distraído, temendo ser alvo de algum golpe inexistente. Foi um erro crasso. No momento seguinte, sem dó, Ardeo lhe chutou os testículos, fazendo-o cair de joelhos em lancinante dor, derrotado. Assim, em esforço conjunto,

Ardeo e Regno o rolaram para fora da arena, passando-o lentamente por baixo da cerca.

O cenário até então era: cinco pessoas atiradas para além dos limites da cerca, quatro nocauteadas, caídas no chão, e três em pé: Ardeo, Regno e o grandalhão que havia dado cabo em metade dos participantes.

— Ardeo, eu estou com muita raiva acumulada. Os últimos dias foram... Eu cuido dele.

— Sem problemas. Mas, se você demorar muito, será minha vez.

Ardeo se afastou e caminhou em direção à cerca. Escalou-a e sentou-se confortavelmente ao lado do narrador, para olhar o irmão finalizar a luta. Antes, porém, foi atraído pelo aroma de frango frito. Ao seu lado, uma senhora, na casa dos 70 anos, segurava uma generosa coxa de galinha com a qual presenteou Ardeo. Não foi gratuito, pois ela exigiu um beijo na bochecha e ainda recebeu uma piscadela sensual do jovem. A idosa alegrou-se, sentiu-se lisonjeada, crente de estar sendo xavecada. Sua alegria apareceu num farto sorriso, que estampou a falta de alguns dentes, como um grande bebê banguela.

No meio do palco de terra, Regno respirou fundo e assumiu posição de luta. Era um estilo peculiar e muito técnico, herdado das aulas da Armada Júnior, aplicável para inimigos mais fortes, mais pesados ou simplesmente maiores. Os longos cabelos de Regno caíam sobre o rosto, atrapalhando a sua visão, porém ele não teve tempo de arrumá-los diante da investida do grandalhão. O brutamente tentou dois socos com cada uma das mãos, os quais Regno desviou sem problemas, seguido de uma joelhada que o loiro aparou com as duas mãos.

Na tentativa da quarta ofensiva, apareceu o contra-ataque. O homem juntou as duas mãos e as ergueu sobre a cabeça, descendo-as verticalmente como se fossem uma marreta pronta para afundar o crânio do adversário. Regno simplesmente deu um passo para o lado, deixando o assalto passar batido, e usou a força alheia para atingir o nariz do homem com a palma da mão aberta. O impacto foi

certeiro, quebrando os ossos do infeliz antes de o sangue verter copiosamente. A cabeça do grandalhão foi lançada para trás e Regno, sem perder tempo, aproveitou a abertura para golpear a garganta do rival. Como resultado, a cabeça do homem retornou para frente.

A luta já tinha acabado e, dali em diante, foi pura expiação de raiva: Regno torceu o braço do homem, deslocando a articulação ao mesmo tempo em que pisou com o calcanhar na ponta dos dedos do pé do adversário. Tão logo ele ergueu o pé em dor, o loiro aplicou uma rasteira na outra perna e o homem caiu com todo o seu peso no chão. O som da lateral da sua cabeça atingindo o solo foi arrepiante e esse último choque suficiente para derrotá-lo definitivamente: desacordado, com um braço do avesso e o nariz fraturado jorrando sangue.

A plateia, por um tempo, ficou estarecida com a violência e somente quebrou o silêncio quando ouviram as palmas isoladas de Touré vindas do alto. Entre os gritos, Ardeo se aproximou, comendo toda a coxa de galinha. Pegou no pulso direito de Regno e juntos ergueram as mãos, consagrando-se vitoriosos. Touré desceu para cumprimentá-los pessoalmente na beira da arena, antes deles voltarem para o cárcere.

— Estupendo! Vocês valem cada moeda! Só hoje já recuperei meu investimento em vocês. Sua performance foi... admirável! Fiquem atentos, ela deve ter chamado a atenção deles... — Touré apontou para seus pares, que permaneciam no palco. — Vocês viraram alvos. Todos os meus... os nossos concorrentes tentarão vencê-los. O nível da competição foi elevado... e assim também acontecerá com os valores das apostas! — os olhos do homem brilhavam em ganância.

— Ah, ótimo... tudo que precisávamos — falou Ardeo, sarcasticamente. — Você disse “nossos concorrentes”, bom ver que está se colocando no time.

— Ora, não se engane: meus lucros, suas perdas.

— Para aonde vamos agora? Liase? — perguntou Regno, cortando a conversa e na esperança de ingressarem na capital de Afeu.

Touré gargalhou com o pouco de fôlego que a idade lhe

havia deixado como amenidade. Tossiu três ou quatro vezes até se recuperar.

— Liase, boa piada. Liase, nunca! O rei Lorcan não vê a nossa diversão como algo positivo. Pelo contrário. Por que você acha que estamos num circuito clandestino? Eu e os meus... colegas apostadores preferimos lugares mais sossegados. Próxima parada: Roteran!